

SÉRIOT, Patrick. *Structure et totalité : les origines intellectuelles du structuralisme en Europe Centrale et Orientale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, 353 pp.

Structure et totalité versa sobre a tradição e a especificidade epistemológica local, nacional na constituição de uma ciência. Haveria uma episteme culturalmente localizada? É por esta via que Patrick Sériot problematiza o estruturalismo do Círculo de Praga, no período entre-guerras, em face especialmente do trabalho dos russos R. Jakobson, N. Troubetzkoy e P. Savickij, cujas noções centrais que desenvolvem, a de estrutura ligada à totalidade e, por sua vez, ao orgânico, são postulados que não podem ser meramente considerados como elos intermediários na história da linguística, em evolução linear à Saussure. Disso decorre um descentramento do Estruturalismo, uma vez que este não se resume a Paris nos anos 60, tal como preconiza Dosse (2003), por exemplo.

A obra não tem, contudo, o objetivo de fazer uma epistemologia comparada, e sim mostrar que o discurso científico é matéria de eventuais diferenças culturais e, do mesmo modo, que o diálogo científico entre Rússia e Ocidente é permeado de interferências, recobrimentos, mal-entendidos e reinterpretações recíprocas. Tudo isso em prol do alerta de que o mundo eslavo não é um mundo de pintores cassados e mal-ditos, mas um espaço de intensa atividade científica.

Sériot põe em foco a questão do paradigma em linguística. Seria possível datarmos o nascimento de uma teoria em linguística, e mesmo o seu término? Para o autor, a história da linguística é o contrário da concepção do paradigma kuhniano que, aliás, não se aplica à linguística, uma vez que fazendo parte das ciências humanas, ela se encontra em fase de maturação científica. Qualquer teoria em linguística jamais anula os trabalhos anteriores, e sim desloca as problemáticas, o que visa a mostrar que a ideia do estruturalismo não veio pronta de Jakobson e que, se o quadro das ciências humanas na Europa assim o considera, ele não é somente incompleto como também incompreensível, pois não dá conta do que se passa na parte central e oriental do mundo.

Sériot dá continuidade à reivindicação de especificidade científica do Estruturalismo de Praga, com base nas duas maneiras de se conside-

rar a noção chave, a estrutura: totalidade ontológica ou sistema de relações; objeto real ou objeto de conhecimento. O Círculo de Praga seria saussuriano em seu saber? Qual é a natureza da linguística na Rússia? Essas são questões que denotam referências, demarcações e filiações, para as quais Sériot emprega a expressão *air du temps*, designando essa partição de saber que se impõe a uma comunidade científica e que seria constituída de variantes locais. Haveria esse *air du temps*, que constituiria um 'ar de família' às produções intelectuais de um mesmo país, de uma mesma cultura?

A obra apresenta uma relação entre ciência e ideologia para considerar o domínio que o autor aborda, ou seja, o de uma teoria linguística em suas condições históricas de produção, avaliando as interações existentes entre as teorias vizinhas ou entre os campos discursivos contemporâneos, restituindo o *air du temps* e o *air du lieu* nos dispositivos de pensamento em que se inscreve essa teoria. *La double hélice*, nesse sentido, apresenta, enfim, a formulação da possibilidade de duas teses sobre o Estruturalismo, no jogo da história externalista e internalista em linguística, cuja oposição, não estática, representa dois modos de se construir o objeto de conhecimento para os linguistas.

O propósito de Sériot procura mostrar que a noção de estrutura derivada do trabalho dos russos de Praga adquire uma nova inteligibilidade de se põe em foco a ideia basilar do movimento eurasista que, pela insistência sobre a noção de sistema e de totalidade organizada, constitui o quadro ideológico mais imediato. O eurasismo, de acordo com Sériot, é uma corrente que reúne os espíritos mais brilhantes entre os exilados russos do período entreguerras, autênticos cientistas que recusavam, de todo modo, a cultura romano-germânica. Priorizando a categoria de totalidade, definiram o movimento eurasista como uma ruptura radical e uma nova visão de mundo, marcada pela nova definição geográfica e histórica da Rússia e do mundo, em virtude da Eurásia, o continente do meio.

Sériot nos mostra que a teoria eurasista repousa sobre dois tipos de raciocínios: as considerações geopolíticas, a partir de estudos como os de Savickij, e as de tipo histórico cultural e linguístico, cujas referências são, respectivamente, Troubetzkoy e Jakobson. Assim, enquanto um se interessa pela cultura, outro insiste na natureza e outro, na definição linguística de Eurásia, de tal modo que todos se conjugam no/pelo esforço de compreender cientificamente a teoria eurasista.

Os membros do movimento eurasista acreditavam que a Rússia não fazia parte nem da Europa nem da Ásia, mas que formava um terceiro continente, a Eurásia, situado ao leste da Europa e ao norte da Ásia, possuindo uma cultura própria, com afinidade de alma com a Rússia.

Nesse sentido, negando a ideia de cultura universal, Troubetzkoy, por exemplo, entende que qualquer empréstimo cultural só não tem efeito negativo se puder ser assimilado organicamente pelas culturas receptoras. Isso porque a Eurasia constituía uma unidade geopolítica natural, com características geográficas, geofísicas, culturais, históricas, étnicas, antropológicas coincidentes: assim é que se forma uma totalidade orgânica harmoniosa. Tal reflexão fundamenta a ideia de que uma cultura deve ser nacionalmente limitada, o que requer que ela seja *ela mesma*. Essas culturas “separadas” são chamadas de entidades ou totalidades orgânicas e constituem o que Savickij e Troubetzkoy referendaram como sistema.

Conforme Sériot, a base da explicação desses dois mundos incompatíveis, a Eurasia e a Europa, está em uma hipertrofia de oposição religiosa entre ortodoxos e católicos. Essa é a verdadeira fronteira, fronteira simbólica do discurso, fronteira exacerbada pelas perdas territoriais da Rússia após a 1ª Guerra Mundial, fronteira que justifica o discurso sobre o território. O fundamento ortodoxo, pilar do movimento eurásico, levou, assim, à rejeição ao mundo ocidental, ao desgosto pela noção de democracia. Isso porque o egoísmo, tendência individualista do homem ocidental de defender seus direitos pessoais, contrapõe o amor fraterno e a solidariedade entre os membros da comunidade (não sociedade) e mostra que o homem ocidental, isolado diante de um Estado, é incapaz de entender a categoria de totalidade. Em oposição à democracia, Troubetzkoy propôs, então, um estado ideocrático.

Sériot aponta que um objetivo comum aos eurasistas era o de provar a existência natural e orgânica da Eurasia, evidenciando os pontos de semelhanças adquiridas entre pessoas e línguas e entre línguas e Eurasia, em detrimento das ligações que essas mesmas pessoas pudessem ter com seus homólogos no exterior do território eurasista. Além disso, a ideia da totalidade repousava no princípio da autarcia, tanto na questão econômica de uma entidade quanto para sustentar a costura dos sistemas. No caso da Eurasia, na concepção de Savickij, um sistema de *steppes*, um conjunto de características de clima continental que se distingue da Europa e da Ásia. Assim é que o eurasismo é certamente um dos meios que pode explicar a história intelectual russa, por autores inscritos no próprio debate europeu que foi a Primeira Guerra. Participar do *air du temps*, do clima intelectual da época. A Rússia não é um outro planeta.

O motivo primeiro que faz Sériot se interessar pelo movimento eurasista é que este suscita em seu seio um intenso trabalho linguístico. De acordo com o autor, a linguística eurasista configura-se por ser uma espécie de “elo perdido” da história do estruturalismo, isto porque enten-

de que muito de seus temas continuaram sendo tratados em trabalhos posteriores de linguistas, tanto da Rússia como do Ocidente.

Sériot traz à luz considerações sobre um artigo de Troubetzkoy, datado de 1923, o qual aborda a questão dos limites das línguas e a coloca em termos teológicos (Torre de Babel), e postula que uma cultura universal seria impossível. E, logo contrapõe o pensamento de Jakobson que se afasta desta concepção adotada por Troubetzkoy, e apresenta uma definição para a noção *união das línguas* na qual predomina o fator espaço. Sériot, todavia, aponta para uma reaproximação do pensamento destes dois autores sobre esta questão a partir do ano de 1931. Segundo o autor, ambos creem que os limites de extensão dos fenômenos fonológicos não coincidem sempre exatamente com os limites das línguas e permeiam muito suavemente o domínio de uma língua de tal maneira que os limites de extensão não podem ser estáveis a não ser para uma pesquisa fonológica dialetal. Entretanto, precisa ficar claro que *Troubetzkoy não fala de língua mista nem de língua misturada e sim em desenvolvimento paralelo e afinidades adquiridas*.

A obra ainda destaca que a novidade trazida por Jakobson e por Troubetzkoy não é ter posto em discussão o modelo dos neogramáticos e nem ter questionado a noção de união das línguas e/ou fronteiras entre línguas, mas sim ter criado outros modelos ainda mais insuperáveis. Buscando também mostrar como estes referidos estudos se articulam para tratar da questão das fronteiras dialetais e conduzem para a derrubada das certezas neogramaticistas.

A história da linguística é colocada em cena, por meio de um panorama que apresenta esta disciplina desde o início do século XIX até o final deste mesmo século. Para ele, é no final deste século que o modelo organicista representava em linguística uma *concepção essencialista* - corrente da Biologia do século XIX, segundo a qual cada espécie é caracterizada por sua essência invariável e separada de todas as outras espécies por uma descontinuidade radical - a qual é progressivamente abandonada, sem que, no entanto, a ideologia positivista deixasse de ser debatida, mesmo que deixasse transparecer uma crise cada vez mais aguda onde suas certezas desmoronavam dia a dia.

Tal panorama evidencia que, durante a primeira guerra mundial, a linguística é dominada pela corrente dos neogramáticos, os quais aplicavam aos fenômenos da linguagem o modelo das ciências naturais e tinham como objetivo estudar os fatos da evolução no interior das diferentes línguas. Isso, sem se preocuparem, tal como Schleicher, com a reconstrução de uma língua-mãe ou da tipologia ou da classificação, mas procurando colocar em pauta um método rigoroso, que pudesse ser válido tanto para línguas antigas quanto para dialetos modernos.

Nesta perspectiva, esforçavam-se em interpretar em termos de leis as mudanças fonéticas, para eles “conforme as leis inexoráveis da natureza, a língua evolui, sem considerar a vontade da humanidade, não existe nada irregular, nada fortuito, tudo é explicável” (p.118).

Outro tópico em destaque na obra de Sériot é o fato de que havia linguistas que não admitiam que os dialetos fossem construções puramente arbitrárias, o que se configurava em uma reação à oposição nominalista originada cedo na Europa. Sériot apresenta os estudos de linguistas na Alemanha (por meio da figura de Th. Frings), na França e a posição dos linguistas do Círculo de Praga, a partir do qual, referindo-se à ‘geografia moderna’, Jakobson reintroduz a noção de dialeto, mas não de maneira indutiva. Neste momento, Jakobson coloca uma solução estrutural que substitui as isoglossas (fonéticas) pelos isofones (fonológicas, por conseguinte sistêmicas), o que reencontra a noção de sistema e exige um novo exame de suas fronteiras. A linguística eurasista é descrita pelo autor como um realismo sofisticado, que se pode chamar de um essencialismo dinâmico, em que as essências não são eternas como em Platão, mas evoluem no tempo, permanecendo ao mesmo tempo idênticas a elas mesmas, como os organismos. A questão central da linguística eurasista seria: como saber onde passam as fronteiras verdadeiras? Esta é uma linguística que se constitui em um empreendimento fundamentalmente polêmico e um combate incessante para deslocar as falsas fronteiras das entidades, desmontá-las. Ela possui um gancho, assim como as outras com o fazer da biologia e da geografia, possui raciocínios essencialistas. E, lança a questão que Sériot buscará responder nos próximos capítulos desta obra: Em que a linguística eurasista é estruturalista?

A obra não deixa de considerar a questão tocante ao paradoxo da teoria eurasista, a qual é determinada pelo fato da cultura eurásiana ser composta de culturas abertas umas às outras. Aponta que os anos vinte são marcados por uma atmosfera geral de crise científica e a questão dos limites está em pauta. Nesta década, a linguística russa está ancorada nos debates europeus sobre o evolucionismo (os quais remetem às questões sobre as fronteiras entre as ciências naturais e as ciências sociais) e também apresenta o confronto entre duas correntes linguísticas surgidas depois da revolução: uma triunfante na URSS, a que se declarava a linguística oficial (referente ao marrismo) e uma linguística da emigração (referente ao eurasismo), que, mesmo colocando frente a frente às ideias de Marr e de Troubetzkoy e sendo correntes antitéticas, são correntes que têm muito em comum. Sériot conclui que os eurasistas participaram do nascimento do estruturalismo europeu.

O autor faz o apontamento de que tanto Jakobson quanto Troubetzkoy, cada um a sua maneira, trabalha a noção de *união das línguas*.

Esta, de acordo com Sériot, teria sido, primeiramente, proposta por Troubetzkoy em 1923, porém a introdução de tal noção na linguística foi realizada por Jakobson junto à noção de *convergência*. A questão da *união das línguas*, desse modo, seria um problema complexo de identidade, de diferença e de semelhança entre línguas que foram objeto de uma intensa atividade no Círculo Linguístico de Praga, não somente por Jakobson e Troubetzkoy, mas também por outros membros: Havránek, Skalicka.

Para tratar da questão *des affinités*, é evidenciado historicamente o conceito de afinidade em Linguística, apresentado como a possibilidade de dar um aporte sólido para compreender os fundamentos epistemológicos e culturais do mundo de Jakobson e Troubetzkoy. Ao abordar o conceito de afinidade passando pelo domínio da biologia, Sériot salienta que Jakobson e Troubetzkoy refutam o modelo de darwiniano, trabalhado por Schleicher. Um dos focos de interesses de Jakobson, de acordo com o autor, é a teoria do mimetismo entre organismos do mesmo meio e, é com a ajuda de Savickij, que ele vai elaborar a noção de *convergência das línguas*, base da teoria da *união das línguas*.

A partir de uma biologia anti-darwiniana de L. S. Berg - que, em 1922, publicou o livro *Nomogenez* - é fundamentada a noção de *convergência*, ou seja, *aquisição independente de características conjuntas por organismos não aparentados*. Tal noção, na abordagem de Jakobson, possibilitaria o trato de afinidade entre as línguas mesmo não sendo aparentadas.

Ao salientar que a postura desses russos não se coloca como propriamente contrária ao modelo naturalista de Schleicher, nem se resume ao anti-darwinismo, Sériot enfatiza que a proposta trazida neste livro *Structure e Totalité* trata-se somente de uma *outra* leitura da obra de Jakobson e Troubetzkoy, de um aspecto pouco explorado, que merece ser considerado e, em falta deste, o trabalho sobre a recepção do estruturalismo seria incompleto.

Isso estaria vinculado ao fato de que na época, por volta do início do século XX, era dominante a teoria do evolucionismo na Biologia. De acordo com Sériot, a teoria presente na obra de Darwin, *A origem das espécies*, publicadas na Grã-Bretanha, em 1859 e traduzidas na Rússia em 1864, teria sido aceita com entusiasmo (como uma visão total do mundo) por uma inteligência “radical” russa, que vai ao encontro de um anti-idealismo e um anti-romantismo russos. Darwin teria rejeitado toda uma visão teleológica, visando a uma explicação da evolução em termos de causalidade (luta pela vida, seleção natural, sobrevivência do mais forte).

Claro, afirma Sériot, que assim como em outros países europeus, uma manifestação antidarwiana se constituiu entre os milhares de teólogos, de filósofos ou de cientistas e em meio a essa efervescência, no período de Praga, é ainda pelo trabalho de Berg, apontado anteriormente, que Jakobson expõe uma noção de *conformidade* como sendo uma propriedade da vida. Nessa perspectiva, de acordo com Sériot, o que não oporia, mas distinguiria a proposta de Jakobson da de Schleicher, é que para este “as línguas *são* organismos vivos” (p.196) enquanto para aquele “nós podemos estudar a evolução das línguas *como* nós estudamos tais seres vivos” (p.196). Ou ainda, para Jakobson, “as línguas evoluem de maneira determinada porque elas são *como organismos vivos*” (p.201).

A posição de Jakobson se constitui, por um lado, por uma distinção em relação ao naturalismo de Schleicher (passagem necessária entre três estágios de evolução) e ao positivismo dos neogramáticos (definem um caráter rigoroso e sem exceção para as leis fonéticas), tratado na parte anterior. E, ainda, por outro lado, a partir da idéia de que os paradigmas científicos têm também uma dimensão espacial (ou seja, cultural).

Tal perspectiva expõe não mais a ideia de evolução passando entre estágios de crescimento (mineral, vegetal, animal) e sim a de um organismo vivo em simbiose com o meio. Portanto, segundo Sériot, ainda permanecemos nas ciências naturais, todavia, por esse viés, *esta ciência estaria naturalizada na cultura*.

Segundo Sériot, *La théorie des correspondances*, constitui-se como um exemplo particularmente esclarecedor do que Jakobson e Troubetzkoy pensavam ser uma nova ciência (e russa), à qual aderiram a partir do geógrafo P. N. Savickij. Este teria traduzido para o francês a noção de *lugar de desenvolvimento* à qual Jakobson fez numerosas alusões, o que leva o autor a colocá-la como um ponto de reflexão fundamental para a nossa compreensão das noções de *estrutura* e de *totalidade* pelos russos de Praga.

Um *lugar de desenvolvimento* e um conjunto de línguas, para Jakobson e Savickij, formam junto uma totalidade, onde as línguas se assemelham menos pelo fato de estarem em contatos mútuos (bilinguismo, por exemplo) do que pelo fato de se encontrarem juntas em um “mundo à parte”.

Segundo Sériot, Jakobson aborda a questão do *lugar de desenvolvimento* insistindo sobre dois fenômenos: de um lado, há entre línguas aparentadas elementos comuns que não pertencem ao mesmo ancestral e, por outro lado, há similitudes entre línguas não aparentadas. Trata-se, nos dois casos, sempre, da prova de que elementos (traços de *estrutura*) foram *adquiridos* juntos por duas línguas diferentes e tanto Jakobson

quanto Savickij insistem sobre a função do *território* por ele mesmo (ou mais precisamente: do lugar de desenvolvimento). Savickij, Jakobson e Troubetzkoy, no entender de Sériot, teriam uma ideia fixa: estabelecer a qualquer preço a *correspondência* entre duas coisas.

Para Sériot, na ciência estrutural constituída em Praga, onde estavam intimamente ligados um linguista (Jakobson) e um geógrafo (Savickij), o mais interessante é que ela repousa sobre uma visão platônica ou pitagórica do mundo, feita de ordem e harmonia, visão fortemente presente no pensamento russo do começo do século XX.

Nessa abordagem, a noção de “sistema” ou de “estrutura” corresponderia para eles à noção de ordem como que de uma recusa ao aleatório.

A noção de *simetria* presente na obra científica dos russos de Praga em torno das décadas de 1920 e 1930 visa a provar que a repartição das línguas distribuídas sobre o globo não é contingente, mas reflete uma ordem necessária. Tal noção, segundo Sériot, pode ser de dois tipos: *uma teoria da simetria* (um objeto existe ontologicamente porque ele tem uma estrutura simétrica) e *uma teoria das correspondências* (correspondências entre séries de objetos de origem diferentes).

No decorrer do estudo, o autor apresenta a proposta dos eurasistas sobre um modo de pensar a ciência: uma ciência sintética. Conforme esse autor, a expressão mais desenvolvida nesta ciência é a *personologie*, de Troubetzkoy.

Tratando da *Science analytique e science synthétique*, o autor refere que a proposta dos eurasistas vai ao encontro de uma ciência original, a partir de uma *méthode du liage*, entendido como uma ciência sintética. Esta ciência estaria relacionada a uma etapa superior no processo de conhecimento, qual seja, a síntese que, por sua vez, guarda estreita relação com a ideia de estrutura. Assim, estabelece-se um caráter de totalidade sintética nessa epistemologia eurasista, de modo que não se busca um método de conhecimento, mas a perspectiva sobre os fatos em si mesmos.

Nos ramos da ciência, segundo Sériot, a concepção analítica residiria no fazer científico da Europa do Ocidente, enquanto a Eurásia é caracterizada pela ciência sintética. Essa ciência proposta pelos russos apoia-se, profundamente, sobre a episteme da *Naturphilosophie* alemã, uma proposta de apreensão do universo na sua totalidade, a qual se coloca contra o espírito analítico do século XVIII.

O autor descreve que é por meio da relação não aleatória das línguas entre si, devido à descoberta de afinidades fonológicas entre as línguas da Eurásia, proposta pelos Russos de Praga, nos anos 30, que surge a ideia da Eurásia como um objeto natural, isto é, como uma totalidade orgânica. Todas essas questões remetem, segundo Sériot, ao que irá de-

limitar a Eurasia enquanto uma ciência diferenciada, definindo assim as fronteiras, as quais podem ser consideradas simbólicas, do oeste da Rússia. Com isso, os eurasistas, na visão de Sériot, diferenciam-se do pensamento de Saussure, pois propõem que o objeto de saber se define a partir de uma totalidade, de diferentes elementos estruturais que preexistem a toda investigação. Assim, o que caracteriza o estruturalismo de Jakobson e Troubetzkoy será a ideia *du lien*, a qual busca articular elementos aparentemente independentes uns dos outros.

Retomamos o título da obra para afirmarmos que, ao formular o questionamento sobre *Structure ou Totalité*, Sériot apresenta uma tese em relação ao estruturalismo pensado por Jakobson e Troubetzkoy, no qual afirma não constar um componente profundamente ontológico. Jakobson afirma que não se pode definir que o pensamento da ciência é apenas estruturalista, mas sim que a ciência trata de vários conjuntos de fenômenos e, portanto, é tarefa descobrir as próprias regras de cada sistema.

A partir disso, Sériot propõe que o pensamento holístico pode ser interpretado de duas maneiras: de um lado, segundo a concepção saussuriana de que “o ponto de vista faz objeto”; de outro, conforme pensamento oriundo do Círculo de Praga, logo, de Jakobson e Troubetzkoy, tem-se que a própria realidade é sistêmica. Jakobson, diferentemente da tradição da ciência que rejeita, exclui e distingue, pensa na totalidade e entende que a inclusão deve reger o pensamento científico.

A fim de caracterizar a diferença de mundo, já anteriormente apontada, Sériot coteja as concepções de língua para Saussure e para estudiosos de Círculo de Praga – e aí, em especial, Jakobson e Troubetzkoy – afirmando que, enquanto a ideia saussuriana trata de um sistema construído pelo linguista, a partir da ideia do ponto de vista, para os referidos cientistas russos a língua é um objeto ontologicamente estruturado, à espera de ser descoberto pelo linguista.

Enquanto a língua - objeto científico - para Saussure é construída, conforme aponta Sériot, a língua entendida por Jakobson e Troubetzkoy é uma norma que carrega a interligação de fenômenos como o contato com várias gerações e vários falantes, o que a constitui uma estrutura.

Pode-se pensar que a noção de estrutura não é específica do Oriente. Ela faz parte da cultura científica russa, a qual, por sua vez, está em uma cultura científica europeia, mesmo que injustamente esquecida. Sériot salienta que não se trata de uma “ciência russa” e de uma “ciência ocidental”, mas sim de um discurso social dominante que marca e direciona os pensamentos sobre e da ciência.

A Eurasia representa, com toda sua oposição à concepção científica romano-germânica, a ciência construída em coletivo, fundada na ideia

de que qualquer comunidade como um todo transcende os indivíduos. Nesse mesmo sentido é que se pode encontrar a noção de *convergência* em Troubetzkoy e Jakobson, consubstanciada nas alianças entre as línguas.

Sériot propõe que, mais relevante do que saber da existência ou não da Eurásia, cabe investigar as condições de produção desse discurso que apresenta essa nova ciência. Ao mesmo tempo, para o autor, mais importante do que perguntar que mundo e que ciência outra acontece nos estudos russos, é saber por que eles a defendem tão veementemente.

Trata-se de um modelo epistemológico construído de maneira distinta. Ao invés de representar um corte aberto, Sériot entende uma abordagem que considera os progressos, retrocessos, idas e vindas. Pode-se pensar em um pêndulo ligado por um mesmo ponto que ocupa níveis diferentes, como se em esferas de profundidade, e é dessa maneira que, segundo o autor, constrói-se o paradigma estruturalista. Mais do que pensar na complexidade do sistema, que para os eurasistas é fechado, a proposta da estrutura é de perceber a complexidade da realidade, já que “tudo é vinculado”.

Sériot encerra com a afirmação de que aquilo que realmente aconteceu na área da linguística difere de modo significativo do que, originalmente, Troubetzkoy e Jakobson tinham a intenção de fazer e finaliza dizendo: “Ao procurar as Índias, eles descobriram as Américas”.

*Carolina S. Lisowski, Caroline M. Schneiders,
Juciele P. Dias, Larissa M. Cervo, Taís S. Martins*
(PPGL/Laboratório Corpus - Universidade Federal de Santa Maria)